


# Evangelização na Amazônia: teologia e inculturação

*Evangelization in the Amazon: Theology and Inculturation*

Francisco Chagas de Albuquerque <sup>[a]</sup> 

Belo Horizonte, MG, Brasil

<sup>[a]</sup> FAJE

**Como citar:** ALBUQUERQUE, Francisco Chagas de. Evangelização na Amazônia: teologia e inculturação. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 01, p. 187-203, jan./abr. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.001.AO04>

## Resumo

A inculturação do Evangelho foi uma das preocupações do Vaticano II. Em sua recepção, pela Igreja na América Latina, esta temática foi tomada a sério a partir da Conferência de Puebla (1979). Em sintonia com o magistério, desenvolvia-se, então, a nascente Teologia da Libertação, contribuindo para o processo de inculturação eclesial e do Evangelho. A *Exortação Pós-sinodal Querida Amazônia (QAm)* propõe uma evangelização radicalmente inculturada no território pan-amazônico. Na resposta a essa proposta, a teologia também deverá oferecer sua contribuição, como se tenta expor neste estudo. Explicita-se o tema em quatro momentos: 1) magistério conciliar, culturas e teologia; 2) recepção do Concílio na A. Latina; 3) paradigma da inculturação do Evangelho na Igreja latino-americana; 4) linhas para a evangelização inculturada e teologia, seguidos de considerações sobre as possibilidades da reflexão teológica libertadora. Propõe-se que o quefazer teológico, na linha tradição teológica e eclesial latino-americana e do Caribe, requer conversão de seus autores(as), devendo-se superar o espírito colonialista, para dialogar com as culturas, espiritualidades e as tradições dos povos amazônicos.

**Palavras-chave:** Amazônia. Povos originários. Evangelho. Teologia. Inculturação. Libertação integral.

<sup>[a]</sup> Doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, e-mail: [chagasfco@hotmail.it](mailto:chagasfco@hotmail.it)

## **Abstract**

*The inculturation of the Gospel was one of the concerns of the Second Vatican Council. In its reception by the Church in Latin America, this theme was taken seriously by the Puebla Conference (1979). Associated with the magisterium, a nascent Liberation Theology was being developed, contributing to the process of ecclesiastical and Gospel inculturation. The Post-Synodal Apostolic Exhortation "Querida Amazônia" (QAm) proposes a radically inculturated evangelization in the pan-Amazonian territory. In response to this proposal, theology must also offer its contribution, as will be explained in this study. This topic is presented in four moments: 1) conciliar teaching, cultures and theology, 2) reception of the Council in Latin America, 3) paradigm of inculturation of the Gospel in the Latin American Church 4) lines of work for inculturated evangelization and theology, followed by considerations on the possibilities of a theological reflection of liberation. It is proposed that theological application, in line with Latin American and Caribbean theological and ecclesiastical tradition, requires the conversion of its authors, and the overcoming of a colonialist spirit, in order to dialogue with the cultures, spiritualities and traditions of the Amazonian peoples.*

**Keywords:** Amazon. Originary people. Gospel. Theology. Inculturation. Integral Liberation.

---

## Introdução

Com a recepção do Concílio Vaticano II pela Igreja latino-americana e caribenha, que se inicia na Conferência de Medellín, a ação evangelizadora desenvolveu-se em estreita relação com a teologia gestada em sintonia com a práxis eclesial libertadora. A Igreja povo de Deus, neste continente, assumia-se então, em grande parte, como Igreja comprometida com os empobrecidos, os oprimidos e suas lutas de libertação. O anúncio da boa notícia encarnava-se no mundo da pobreza como expressão viva da “opção preferencial pelos pobres”. Era mais uma forma de inculturação da evangelização. A expressão “mais uma forma” leva o olhar para o início da pregação da fé no ressuscitado, pois, na verdade, desde o primeiro momento a fé cristã foi acolhida e vida como inculturação da proposta do Evangelho. Lembra Kuvialeka (2013, p. 220) que a definitiva inculturação da fé do antigo Israel acontece na inculturação pela encarnação do Verbo. “Desde então, [...] o Verbo fez-se homem como os todos os outros e agiu nas culturas de alguns deles: os judeus do tempo de Jesus que O seguiram testemunharam e confessaram”. Ainda segundo o teólogo (2013, p. 225), pelo princípio da “encarnação dialogante”, através de toda história do Cristianismo verifica-se “o diálogo entre a fé em Jesus Cristo e as culturas”. Sem esquecer, no entanto, que em determinados momentos desse percurso, a posição dos agentes humanos da mensagem cristã se posicionaram paradoxalmente de maneira oposta a própria mensagem que pretendiam comunicar. Exemplo eloquente foi a escravização de africanos nas américas, assim como o desrespeito à vida e culturas dos indígenas deste continente.<sup>1</sup>

Um esclarecimento sobre o conceito de cultura é imprescindível para se compreenda o que se entende pelo termo, que aparece neste estudo sobretudo relacionado com a ação de evangelizar. Embora, especialmente no documento de Santo Domingo, a palavra remeta a um sentido universalizante, neste texto o sentido segue o *Documento de Puebla (DP, n. 386)* consignou que como este termo: “[...] indica-se a maneira particular como em determinado povo os homens cultivam sua relação com a natureza, suas relações entre si e com Deus (GS 53b). [...] É o estilo de vida comum (GS 53c) que caracteriza os diversos povos; por isso é que se fala de pluralidade de culturas”.<sup>2</sup>

A partir do Sínodo para a Amazônia, a Igreja deverá desenvolver sua missão radicalizando a inculturação do Evangelho. Sabe-se que toda ação evangelizadora consistente se faz servindo-se de bases teológicas que a sustente. A teologia tem o papel não de refletir e interpretar os dados da fé para simplesmente atualizá-los, mas ao mesmo, em fazendo-o, deve, sobretudo, auxiliar no pensar a práxis de evangelização. Ela ocupa um lugar de serviço em relação à ação evangelizadora e se constrói a partir da fé vivida, da própria ação pastoral da Igreja (Gutiérrez) Neste sentido, Sebastián (2010, p. 160) lembra que uma das tarefas da teologia é, de modo contínuo, ajudar na inculturação da fé. Por isso, “os teólogos devem sentir-se servidores da missão da Igreja”, sendo, portanto, a teologia um serviço à comunidade eclesial. Gutiérrez (2004, p. 69) reflete nessa mesma direção quando diz: “A reflexão à luz da fé deve acompanhar constantemente a ação pastoral da Igreja. No entanto, sem negar-lhe esse papel, mas, ao

<sup>1</sup> Também há de se considerar o caminho histórico da fé e da piedade popular neste continente, para que desde a evangelização inculturada, assumindo-se as diretrizes de *Querida Amazônia*, se reconheça a força da piedade mariana na vida dos povos que vivem a fé em Cristo. De fato, como recorda P. Kuvialeka, (2013, p. 163), “o rosto mestiço da Virgem de Guadalupe desde o início foi no continente um símbolo da inculturação da evangelização”.

<sup>2</sup> Segundo Ravasi, “O termo ‘inculturação’ assumiu [...] sua própria conotação principalmente no nível teológico como sinal de interpenetração entre o **cristianismo** e as culturas, em um confronto proveitoso, gloriosamente atestado no passado pelo encontro entre a **teologia cristã** dos primeiros séculos e a poderosa herança clássica greco-romana”. RAVASI, Gianfranco. Evangelização e “inculturação”. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/571124-evangelizacao-e-inculturacao-artigo-de-gianfranco-ravasi>. Acesso em: 07/07/2023.

contrário situando-a no momento histórico desta reflexão, entende (p. 69) esclarece que teologia como reflexão crítica sobre a sociedade, mas também sobre a própria Igreja deve cumprir uma função libertadora. O autor peruano (2004, p. 70) acentua que a reflexão teológica libertadora, buscando o sentido dos acontecimentos históricos, contribui para que “o compromisso libertador dos cristãos seja mais radical e mais lúcido”. A teologia tem sua maneira própria de manifestar a relação entre fé e vida eclesial. Neste sentido, Caliman (2018, p. 112) sustenta: “A teologia expressa a seu modo a experiência eclesial da fé dentro do mundo”. Nessa lógica, o autor entende que, no âmbito latino-americano, o pensamento da fé realizou “grande esforço de expressar a experiência da fé eclesial no contexto de pobreza e exclusão social, dando razão da esperança para milhões de fiéis”. Eles “lutam a partir de suas comunidades para que o continente seja mais justo e solidário, segundo o Evangelho”.

Sendo plausível essa percepção, pergunta-se: Qual o lugar da Teologia latino-americana da Libertação no processo de inculturação do Evangelho e de “amazonização” da Igreja? Para responder a essa questão, propõe-se analisar os seguintes aspectos: (1) a relação entre culturas, evangelização e teologia no magistério conciliar; (2) a recepção do Vaticano II na América Latina; (3) o paradigma da inculturação do Evangelho na Igreja latino-americana; (4) as linhas para a evangelização do “Sonho eclesial” de QAm e a importância da teologia, seguindo-se considerações sobre as possibilidades da teologia inculturada e libertadora. Além da exortação, toma-se como fontes documentos do Vaticano II e do CELAM. Para a leitura teológica do conceito de evangelização inculturada, recorre-se a trabalhos de teólogos e pastoralistas. Pretende-se indicar que esse quefazer teológico implica a conversão de seus autores e autoras, em estreita sintonia com a prática missionária evangelizadora. Deverão superar a ideia colonialista, reconhecendo os valores presentes na vida dos povos originários amazônicos. Antes de tudo, deverão escutá-los e aprender de suas tradições, culturas, religiões e espiritualidades, bem como dialogar com as teologias que já se gestaram no seio da realidade vital amazônica.

## **1. A relação entre culturas, evangelização e teologia no Concílio Vaticano II**

A partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja abre-se para o diálogo com a diversidade dos povos, suas religiões e culturas. Tal postura tem como consequência mudanças que doravante serão efetivadas nas diretrizes para a evangelização, como ocorre em sua recepção pela Igreja latino-americana a partir a partir da Conferência de Medellín (1968).

### **1.1 Concílio Vaticano II: método e horizonte teológico**

Duas grandes linhas básicas de leitura do Vaticano II são o método indutivo e a historicidade da salvação. Esta determinação se encontra refletida e expressa na *Constituição Pastoral Gaudium et spes* (GS, n. 4) ao indicar que a Igreja deve estar incessantemente atenta aos fatos e acontecimentos da história, no mundo, nas sociedades. Em seu prólogo (GS, n. 1) se declara essa renovada posição da comunidade dos discípulos de Jesus Cristo: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e esperanças dos discípulos de Cristo”. Trata-se de um direcionamento fundamental de solidariedade e empatia com a situação histórica de vida dos seres humanos, que implica conhecer e também ter um conhecimento de causa ante as múltiplas realidades que envolvem a vida humana na sociedade. Tal atitude solidariedade remete-se ao comprometimento com os processos de tudo que faz parte da humanização pessoal e social, pois afirma o documento (GS, n. 1) “não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”. Por isso, a fim de exercer sua missão de modo consequente com a solidariedade assumida, ela deverá ler e interpretar continuamente, à luz do Evangelho, os acontecimentos e fatos da

história. Torna-se imprescindível (GS, n. 4) “conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático”.

Desta forma, o documento conciliar (GS, n. 4-10), que parte da realidade humana e tudo o que faz parte de sua existência e sua história, traça as características do mundo atual definindo o método de abordagem da relação da comunidade eclesial com o mundo com suas múltiplas diversidades. A Igreja (GS, n. 4) deve “investigar a todo momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do evangelho”. Assim fazendo, poderá responder “de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas”.

A *Constituição Dogmática ‘Lumen gentium’* (LG) assume, assim como o faz a GS (n. 58), estabelecimento da relação da Igreja com o mundo, a historicidade da salvação como princípio hermenêutico para tratar de autocompreensão de si mesma e de sua missão no mundo. O desígnio de salvação do Pai (LG, n. 2), livre e insondável, se plenifica no “primogênito da criação”, Cristo (Cl 1,15). A fé no Cristo Redentor, o Pai chama aqueles(as) que formam o novo Povo de Deus: “E, aos que creem em Cristo, decidiu chamá-los à santa Igreja, a qual, prefigurada já desde o princípio do mundo e admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança”. A comunidade de crentes é habitada pelo Espírito Santo (LG, n. 4), que a leva ao entendimento de sua missão, a serviço do Reino de Deus, no percurso do tempo: “O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cfr. 1 Cor. 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cfr. Gál. 4,6; Rom. 8, 15-16. 26)”. Sob seu influxo plenificador, o Espírito a renova e leva à união indefectível com Cristo: “Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo (3). Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: «Vem» (cfr. Ap 22,17)!” A constituição acentua a historicidade da relação de Deus com seu povo através dos séculos, com qual o estabelece uma aliança, que se realizou processualmente num crescendo de proximidade e conhecimento: “ele a instruiu gradualmente, manifestando-Se a Si mesmo e ao desígnio da própria vontade na sua história, e santificando-o para Si”. Os acontecimentos vivenciados por Israel, conduzidos pelo Criador (LG, n. 9), preparavam a aliança definitiva: “Mas todas estas coisas aconteceram como preparação e figura da nova e perfeita Aliança que em Cristo havia de ser estabelecida e da revelação mais completa que seria transmitida pelo próprio Verbo de Deus feito carne”.

Identificados essas linhas hermenêuticas para a compreensão do Concílio, parte para uma abordagem de textos conciliares em relação à inculturação, como forma de tornar a mensagem salvífica compreensível ao ser anunciada a diferentes povos e culturas.

## 1.2 Pluralismo cultural e teologia na Constituição Pastoral ‘Gaudium et spes’

A teologia do Vaticano II se caracteriza, antes de tudo, pela imbricação inseparável a “salvação na história” e “história da salvação”. O enfoque sobre as culturas, que são um dado fundamental da vida e da história dos povos, se desenvolve à luz do princípio histórico-salvífico que perpassa a visão teológica conciliar.

Na *Constituição Pastoral ‘Gaudium et spes’* (GS, n. 53), o Concílio reconhece a pluralidade de culturas, não respeitando a diversidade cultural, mas também a defende. Muitos e diversos são os “estilos de vida” e as “escalas de valores”, que se gestam a partir dos “diferentes modos de usar as coisas, de trabalhar e de se exprimir, de praticar a religião e de formar os costumes, de estabelecer leis e instituições jurídicas, de desenvolver as ciências e as artes e de cultivar a beleza”. A GS (n. 58) ressalta também a multiplicidade de laços entre o Evangelho e a cultura humana: “Deus, com efeito, revelando-se ao seu povo até à plena manifestação de si no Filho encarnado, falou segundo a cultura própria de cada época”. Daí decorre que, ao aproximar-se da pluralidade de culturas, com respeito, (GS, n. 59), “a Igreja lembra a

todos que a cultura deve orientar-se para a perfeição integral da pessoa humana, para o bem da comunidade e de toda a sociedade”. O respeito às culturas se desdobra em um compromisso fundamental: “cultivar o espírito de modo a desenvolver-lhe a capacidade de admirar, de intuir, de contemplar, de formar um juízo pessoal e de cultivar o sentido religioso, moral e social”.

Os Padres conciliares estavam conscientes de que lidar com a complexidade das culturas significava um sério desafio, com amplas consequências. A pluralidade das culturas (GS, n. 62) traz dificuldades para a Igreja em sua missão de comunicar o ensinamento cristão. Por outro lado, a riqueza das culturas proporciona oportunidade para a compreensão e amadurecimento da fé cristã. Para tanto, os evangelizadores deverão usar mediações oriundas dos avanços das ciências, dos estudos de história e da filosofia, que os levem a conhecê-los e deles apropriarem-se como suas na medida de suas possibilidades. Nesse sentido, conforme o documento (GS, n. 62), cabe aos teólogos e às teólogas “buscar constantemente, de acordo com os métodos e exigências próprias do conhecimento teológico, a forma mais adequada de comunicar a doutrina aos homens do seu tempo”. Trata-se de uma exigência natural para a teologia, “porque uma coisa é o próprio depósito ou as verdades da fé, outra o modo pelo qual elas se enunciam, sempre, porém, com o mesmo sentido”. O labor teológico (GS, n. 62) visa a tornar a “pregação evangélica” mais compreensível “ao espírito dos homens” de forma a integrar-se nas condições de vida dos interlocutores da mensagem de Cristo. A investigação teológica deve ocorrer de forma interdisciplinar, buscando “um profundo conhecimento da verdade revelada e não descurar a ligação com o seu tempo, para que assim possa ajudar os homens formados nas diversas matérias a alcançar um conhecimento mais completo da fé”. Merece destaque a abertura que a constituição (GS, n. 62) proporciona aos teólogos e teólogas para a liberdade da pesquisa teológica: “deve reconhecer-se aos fiéis, clérigos ou leigos, uma justa liberdade de investigação, de pensamento e de expressão da própria opinião, com humildade e fortaleza, nos domínios de sua competência”.<sup>3</sup> A teologia, como ciência a serviço da fé e da evangelização, terá de se inculturar necessariamente, sob pena de não cumprir seu papel.

### 1.3 Encontro com as culturas e teologia no Decreto *Ad gentes*

Esta breve visão da posição do Vaticano II sobre a relação entre culturas e teologia, na *Constituição Gaudium et spes*, aponta para a questão da inculturação do anúncio da Boa Notícia no encontro com a diversidade das culturas, como se encontra no *Decreto Ad gentes*. A partir da “economia da encarnação”, o decreto (AG, n. 22) afirma que, na missão das Igrejas novas, faz-se imprescindível a diversidade na unidade. As igrejas nascentes em culturas nas “terras de missão”, como então eram chamados os lugares distantes da Europa central, “assumem por maravilhoso intercâmbio, todas as riquezas das nações que foram dadas a Cristo em herança”. O decreto enfatiza o quanto o contato com tais riquezas trará benefícios à vida eclesial. As novas Igrejas (AG, n. 22) muito receberão dos povos e suas culturas: “Recebem dos costumes e das tradições dos seus povos, da sabedoria e da doutrina, das artes e das disciplinas, tudo aquilo que pode contribuir para confessar a glória do Criador, ilustrar a graça do Salvador, e ordenar, como convém, a vida cristã”.

Postas essas diretrizes, o documento (n. 22) confere à teologia papel de primordial importância na dinâmica da inculturação ao afirmar:

---

<sup>3</sup> Ao referir-se às pessoas formadas nas várias ciências, o Concílio, sobretudo, considera a relação com o moderno mundo europeu, não explicitando a existência de outras formas de saber e culturas, como aqueles que se encontram entre os indígenas, afro-brasileiros e tantos outros conhecimentos que povos distantes no centro europeu possuem. No entanto, compreende-se que ao ressaltar a importância de todas as culturas e dos valores humanos nelas existentes, essa declaração de liberdade à pesquisa teológica e expressão de seus resultados, vale também para os saberes, conhecimentos, inclusive teologias existentes no âmbito que é objeto deste estudo.

Para se conseguir esse objetivo, é necessário que em cada grande espaço sociocultural, como se diz, se estimule uma reflexão teológica tal que sejam sempre de novo investigadas, à luz da tradição da Igreja universal, as ações e as palavras reveladas por Deus, consignadas na Sagrada Escritura, e explicadas pelos Padres de Igreja e pelo magistério.

A teologia tem, assim, em fidelidade à Escritura e à Tradição, a função de explicitar e fundamentar como a fé vem ao encontro da “razão e a maneira com que os costumes, o sentido da vida e ordem social podem concordar com os costumes indicados pela revelação divina”. No movimento vital da existência cristã, assumida dentro de cada cultura, o critério fundamental é a luz do Evangelho. Seguindo este critério, evita-se a “aparência de sincretismo” e “falso particularismo”, bem como orienta-se a vida cristã para que seja conformada “bem ao gênio de cada cultura, as tradições particulares e qualidades próprias de cada nação, esclarecidas pela luz do Evangelho, serão assumidas na unidade católica” (n. 22).

Correspondendo à diretriz da inculturação da mensagem libertadora do Evangelho consignada na *Constituição Gaudium et spes*, a *Exortação Apostólica Pós-sinodal Evangelii nuntiandi* (EN, n. 20), por sua vez, acentua o imperativo de um anúncio do Evangelho. A evangelização deverá realizar-se do modo vital e profundo atingindo “até às suas raízes, a civilização e as culturas do homem, no sentido pleno e amplo que estes termos têm na *Constituição Gaudium et spes* (50), a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus”.

As linhas conciliares para a inculturação da mensagem de salvação cristã serão assumidas pelo magistério eclesial na América Latina através a partir da II Conferência Geral do Episcopado do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Medellín (1968), como se propõe a seguir.

## **2. Recepção do Vaticano II na América Latina: magistério, teologia, evangelização**

As propostas para a renovação eclesial emanada do Vaticano II assumidas pela Igreja latino-americana e do Caribe através das conferências gerais, inaugurando-se com a Conferência de Medellín, cujo tema principal foi: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. Iniciava-se a construção de uma tradição eclesial e teológica, fazendo surgir uma Igreja com novo rosto, bem como, uma teologia com que procurava responder às questões que se apresentavam ao pensamento da fé. A respeito da questão, Gutiérrez (2004, p. 17-18) testemunha: “A consciência de estar em uma nova etapa na vida de nossos povos e a necessidade de tentar compreendê-la como um chamado do Senhor para anunciar devidamente seu evangelho, acompanham desde então o desenvolvimento da teologia da libertação na América Latina”.

### **2.1 Conferência de Medellín: magistério, teologia, evangelização**

A recepção do Concílio pela Igreja na América Latina e Caribe duas grandes chaves de leitura do Vaticano II: o método indutivo e historicidade da salvação. Essa opção se encontra refletida e expressa na *Constituição Gaudium et spes* (GS, n. 4) ao indicar que continuamente a Igreja deve estar aos fatos e acontecimentos da história, no mundo, nas sociedades. Como visto na seção anterior, em seu próêmio, a GS (n. 1) se reflete o posicionamento da Igreja, diante de si mesma e da humanidade, ao declarar: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e esperanças dos discípulos de Cristo”. Trata-se da expressão de solidariedade implica colocar-se dentro da situação histórica de vida dos seres humanos. Para tanto, ela deve “investigar a todo momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do evangelho”. Assim

fazendo, poderá responder “de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens e mulheres.

Trabalhando com o paradigma da historicidade da salvação e da teologia que lhe corresponde, bem como ao consciente da necessária eclesialidade do labor teológico, o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) convocou a primeira reunião de teólogos latino-americanos, que se realizou em Petrópolis. E. Dussel (1996, p. 267), menciona três teólogos dentre os participantes desse encontro, e cita as principais linhas de reflexão, que constituiriam os marcos teóricos da então nascente teologia latino-americana da Libertação: problemas teológicos da América Latina (J. L. Segundo), sentido *sapiencial* e não racional da teologia e compromisso com as aspirações do povo (L. Gera), relação do quefazer teológico com as massas majoritárias, as elites intelectuais e a oligarquia conservadora (G. Gutiérrez).

A identificação desses assuntos amplos com objetos para o incipiente quefazer teológico latino-americano e caribenho, abre caminho para se compreender o percurso da teologia e seu lugar na vida eclesial neste continente a partir de então. A iniciativa do CELAM significou um passo importante para se pensar a teologia em íntima relação com a evangelização, como resposta a situações históricas concretas nos âmbitos sócio-histórico, político e eclesial, assim como sua ligação com as culturas. Desta maneira, a teologia se gestava a partir da busca de resposta aos desafios do contexto real e em estreita sintonia com o empenho por uma evangelização libertadora assumido na Conferência de Medellín e corroborado pelas subsequentes.

## 2.2 Tradição teológica e eclesial latino-americana: a gestação de um novo rosto eclesial

Portanto, a partir dessa conferência, a Igreja latino-americana e caribenha entrou em diálogo com o seu contexto histórico e solidarizou-se com os empobrecidos. Com consciência clara sobre o momento histórico, desenvolve a ação evangelização em meio à intensa busca por transformações, cujas consequências são amplas, como lembra o texto conclusivo de *Medellín* (2010, Intr., n. 4). Pois tais mudanças, “além de produzir-se com uma rapidez extraordinária, atinge e afeta todos os níveis do homem, desde o econômico até o religioso”. O quefazer teológico, por sua vez, tomou os pobres e seu mundo como seu ponto de partida fundamental. Tratava-se, obviamente, não de uma inculturação no sentido próprio do termo, tal como hoje se reflete, como se verá mais adiante. No entanto, significou uma verdadeira imersão na situação real de pobreza que afetava a vida de milhões de homens e mulheres. Seguindo um método próprio, a reflexão sobre os diferentes temas arrancava da experiência de fé das comunidades eclesiais e da vivência dos cristãos inseridos nos movimentos sociopolíticos e culturais transformadores.<sup>4</sup> Para Gutiérrez (2004, p. 18), da consciência desses “sinais dos tempos” brota a exigência a dupla fidelidade a Deus e aos povos latino-americanos. Gera-se então um imperativo para a teologia: “Esta matriz faz com que não possamos separar processo histórico libertador e discurso sobre Deus”.<sup>5</sup>

Considerando o novo momento histórico envolvendo a Igreja e teologia, o filósofo e teólogo Lima Vaz (1968), entendeu que a Igreja latino-americana deixaria de ser “reflexo” da Igreja centro-europeia e

<sup>4</sup> Para estudo do método da Teologia da Libertação, dentre outras obras, citam-se estas referências: AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010.

<sup>5</sup> O teólogo peruano (2004, p. 22) caracteriza a Teologia da Libertação como leitura dos sinais dos tempos. Escreve: “A teologia da libertação (expressão do direito dos pobres de pensar sua fé) não é resultado automático dessa situação e seus avatares [consciência da contradição entre a fé cristã e a situação de injustiça social e as lutas de libertação]; é uma tentativa de leitura deste sinal dos tempos – seguindo o convite de João XXIII e do concílio – na qual se faz uma reflexão crítica à luz da palavra de Deus. Ela deve nos levar a discernir seriamente os valores e limites deste acontecimento”.



colonialista, para se tornar uma “Igreja Fonte”. Ela torna-se presente na prática de vida dos cristãos que formam a comunidade de fé e participam de sua dinâmica, não como um fator externo, com ares de colonialismo, mas como fato gerado a partir da fé vivida e da história e culturas locais. Este novo rosto se refere ao campo intraeclesial como também nas formas de presença pública da Igreja e da teologia. Em linha continuidade com a ideia da emergência da tradição teológico-eclesial, C. Palácio (1999, p. 35) descreve qual é a função da teologia, acentuando sua eclesialidade: “O que está em jogo na Teologia é a inteligibilidade da experiência vivida pelos cristãos, seu caráter racional como gostava de dizer a teologia tradicional, ou, numa linguagem mais próxima de nós, a sensatez dessa opção”. O autor complementa o raciocínio: “É tarefa da teologia mostrar que a proposta cristã faz sentido, que o possui em si mesma, que suscita e cria sentido na história. Desse ponto de vista, o lugar primeiro e fundamental da Teologia é a vida da comunidade eclesial”. É precisamente por essa senda que se desenvolve a Teologia da Libertação, no movimento de recepção criativa das proposições do Concílio, para o pensar teológico e para a vida eclesial, que propiciará o nascimento de diferentes abordagens teológicas encarnadas na realidade histórica.

Tornou-se comum o emprego da terminologia plural “teologias da libertação”, para se reconhecer que no continente não existe apenas aquela teologia produzida no imediato período pós-Medellín, mas que há uma pluralidade de teologias de libertação. No entanto, cabe lembrar que todas elas se caracterizam como reflexão crítica da fé, levando em conta, imprescindivelmente, as várias dimensões da realidade histórica onde se tecem as relações interpessoais e sociais: cultural, econômica, política e religiosa. Com diferentes ênfases, as teologias qualificadas como libertadoras, consideram em seus discursos esses dados de seu contexto histórico, assumindo um lugar social: o mundo dos pobres e empobrecidos e dos vulneráveis.<sup>6</sup>

Consciente da especificidade metodológica desta teologia, para se tratar de uma teologia em chave libertadora sintonizada com a proposta de evangelização na Amazônia, há que se reconhecer a coexistência de várias teologias “nativas” ou teologias “índias” nessa imensa região<sup>7</sup>. Diante disso, recoloca-se de outra forma a pergunta anterior: de que teologia se trata, concretamente, a propósito do tema deste artigo? Para avançar em busca de resposta a esta questão, aborda-se a relação entre teologia, evangelização e culturas na esteira da tradição eclesial e teológica da América Latina e Caribe.

<sup>6</sup> GUIMARÃES, Edward; SBARDELOTTI, Emerson; BARROS, Marcelo (org.). 50 anos de teologias da libertação: memória, revisão, perspectivas e desafios. São Paulo: Recriar, 2022. v. 2. ENCUENTRO IBEROAMERICANO DE TEOLOGÍA, 2017. Desafios de una teología iberoamericana inculturada en tiempos de globalización, interculturalidad y exclusión social: actas del Primer Encuentro Iberoamericano de Teología, 6 a 10 de febrero de 2017. Boston College. Miami: Comvivium, 2017.

<sup>7</sup> O teólogo mexicano zapoteca Eleazar López formulou a seguinte descrição de teologia “nativa”: Para os filhos dos habitantes originais deste continente, teologia nativa não é apenas mais uma coisa a ser acrescentada à nossa vida para podermos dar uma explicação racional às nossas aspirações milenares. É antes a compreensão que temos de toda a nossa vida, guiada sempre pela mão de Deus. É um discurso reflexivo que acompanha, explica e guia a trajetória de nosso povo índio ao longo de toda a história. Por isso existimos e continuamos a existir como um povo” (TUPAYUPANQUI, Nicanor Sarmiento. Teologias nativas na América Latina. *Concilium*, n. 338, m. 5, p. 101-115, 2010, 105). Trata-se de um contexto especificamente distinto daquele propriamente amazônico. No entanto, em certa medida, essa ideia se aplica ao âmbito das riquezas das religiões e espiritualidades que se encontram no território da Amazônia. Principalmente, porque há que se levar em conta os agentes que já atuam na região com os povos nativos, sendo eles mesmos originários dessa cultura, pertencendo a pelo menos a algum desses diferentes povos. Outro teólogo, também de origem indígena, assim define teologia índia: “Teologia índia é viver, pensar e expressar a fé do povo índio; e, por essa razão, a liberdade que cabe a cada cultura deveria incluir a liberdade concreta de expressar e viver a fé de acordo com as características de cada sociedade indígena. [...] A teologia índia é uma realidade que consiste em viver a experiência histórica e diária das comunidades e indígenas, vivida nos rituais, cantos, histórias, interpretações, provérbios, exortações, metáforas, o que é feito sempre na forma de resistência histórica” (*ibidem*, p. 105-106).

### 3. A relação entre teologia, cultura e evangelização nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenho

A relação entre teologia e magistério ao longo dessas, desde Medellín, conhece tensões e conflitos, sobretudo quando da realização de Puebla, mas principalmente no evento de Santo Domingo. No entanto, isso diminui a importância acontecimento eclesiais e seus documentos conclusivos nem afasta teologia de seu papel como serviço à missão evangelizadora. Convém lembrar que o tema cultura não foi objeto das discussões em Medellín, que tomou a questão socioeconômica como problemática de fundo de suas análises e elaboração da proposta de evangelização.

#### 3.1 Documento de Puebla: chave para renovar a evangelização, teologia e inculturação

Na Conferência de Puebla (DP, n. 687), no *Discurso Inaugural* (I,6), o Papa João Paulo II se referiu à suposta existência de “possíveis magistérios paralelos” provenientes da atuação de teólogos e o uso do instrumental marxista pela Teologia da Libertação (DP 545). Tratava-se de uma posição de papa ante o papel de teólogos mais ousados e que tinham espaços em conferências episcopais, para demarcar a distinção entre o magistério da Igreja, que cabe aos bispos, como “mestres da verdade” e a função do teólogo, como colaboradores pelo seu carisma próprio.

No entanto, em outra parte do documento (DP, n. 375), precisamente no capítulo II, da primeira parte, intitulado “O que é evangelizar?”, o texto se refere, com clareza, à relevância do trabalho dos teólogos em favor da Igreja: “sistemizam a doutrina e as orientações do magistério em uma síntese de contexto mais amplo, traduzem-na para uma linguagem adaptada ao tempo [...]”.<sup>8</sup> O texto se remete a *Ad gentes* 22, ressaltando que a investigação dos fatos e das palavras reveladas no enfrentamento de “novas situações socioculturais”. Seu trabalho há de manter-se em comunhão com a Igreja, os Bispos e as Conferências Episcopais.

Sob o impulso da *Exortação Apostólica Pós-sinodal ‘Evangelii nuntiandi’*, a Conferência de Puebla (DP, n. 400) adota a dimensão cultural da evangelização como tema chave para a reflexão dos diferentes temas da ação pastoral da Igreja. Naquele contexto forjou-se o conceito de “assunção das culturas”. Por outro lado, empregou-se também a expressão “evangelização das culturas”, que remete a uma herança colonialista. Aliás, no campo da cultura (DP, n. 385-443), a evangelização se coloca sob duas ênfases: “evangelização da cultura” e “assunção da cultura”. Deve-se reconhecer, seguindo P. Suess (2018, p. 359), que na primeira ênfase “se leva suficientemente em conta a cultura na qual o próprio Evangelho está sendo transmitido”, demonstrando-se que o foco seria a transformação da cultura. Verifica-se uma ambiguidade (p. 359): por um lado o pensamento colonial que se manifesta na expressão “evangelização das culturas”; por outro, encontra-se a ideia pós-colonial denotada pela expressão “evangelização inculturada”.

---

<sup>8</sup> Embora, neste caso, a teologia seja entendida como interpretação e sistematização da palavra do magistério, no contexto da abordagem deste artigo, propõe-se uma teologia na linha da tradição teológica latino-americana. A teologia de caráter libertador guarda o critério da eclesialidade como base fundamental, portanto, segue a tradição teológica cristã e está em sintonia com o caminhar eclesial que assume o anúncio da boa notícia em fidelidade a Jesus Cristo e os interlocutores da mensagem do Evangelho. A contribuição com o magistério ocorre de forma a ajudar a compreender e organizar a evangelização tendo uma visão crítica da realidade e autocrítica relativa ao pensar teológico e à vida eclesial.

### 3.2 Documento de Santo Domingo: teologia e inculturação da evangelização

A Conferência de Santo Domingo (*SD*, n. 33), por sua vez, acolheu o papel da teologia como fazendo parte do “ministério profético da Igreja”. Deste modo, o ministério do teólogo e da teóloga foi expressamente reconhecido: “Seu labor, assim realizado, pode contribuir para a inculturação da fé e a evangelização das culturas, como também nutrir uma teologia que impulsione a pastoral, que promova a vida cristã integral, como a busca à santidade”. Na mesma linha de fidelidade ao magistério (*SD*, n. 33), o labor teológico será relevante para “a ação em favor da justiça social, dos direitos humanos e da solidariedade com os mais pobres”.

Esta Conferência estabeleceu a “inculturação” como paradigma da evangelização, de tal forma que a totalidade da “evangelização deve ser, portanto, inculturação do Evangelho”.<sup>9</sup> Tratou-se de assumir, à luz da Encarnação do Verbo, a “nova evangelização” como inculturação da boa nova, inclusive reconhecendo o imperativo de se considerar as particularidades das culturas indígenas e afro-americanas. Associou-se o tema ao projeto da Nova Evangelização. Desta forma, o documento (*SD*, n. 30) orienta que “a nova evangelização tem de se inculturar mais no modo de ser e de viver de nossas culturas, levando em conta as particularidades das diversas culturas, especialmente as indígenas e afro-americanas”.

Santo Domingo, em que pese as resistências internas de membros da coordenação do evento em colocar-se na linha de continuidade com Medellín e Puebla, tratou da ligação entre inculturação da fé e libertação. Entre teólogos e pastoralistas chegou-se ao entendimento de que a inculturação se torna caminho para a libertação. O documento define (n. 243) qual é a implicação da evangelização inculturada na realização da salvação: “[...] a salvação e libertação integral de determinado povo ou grupo humano, que fortaleça sua identidade e confie em seu futuro específico, contrapondo-se aos poderes da morte, adotando a perspectiva de Jesus Cristo encarnado”. Portanto, a inculturação do Evangelho constitui a forma atualizada da recepção da proposta da “nova evangelização”.

### 3.3 Documento de Aparecida: teologia e evangelização inculturada

Em Aparecida a Igreja latino-americana (*DAP*, n. 43) reconhece a força da globalização e acentua que as culturas são afetadas por esse fenômeno que as impacta sobremaneira. Essa conferência (*DAP*), determina como paradigma para sua abordagem sobre a missão eclesial a evangelização inculturada, em consonância com as conferências de Puebla e Santo Domingo. O documento cita a contribuição da teologia, com atenção ao fator inculturação (*DAP*, n. 323), ao tratar da formação nos seminários e casas religiosas. A formação, incluída e missiologia e a teologia, deve estar atenta “ao contexto cultural de nosso tempo e às grandes correntes de pensamento e de conduza que deverá evangelizar”.

O documento considera os múltiplos campos onde a evangelização deve acontecer e seguindo o método “ver, julgar e agir”. Amplia a compreensão do conceito de evangelização inculturada e reafirma a ideia de evangelizar (*DAP*, n. 479) a partir da vida concreta sociocultural do outro. “Com a inculturação da fé, a Igreja se enriquece com novas expressões e valores, manifestando e celebrando cada vez melhor o mistério de Cristo, conseguindo unir mais a fé com a vida [...] contribuindo para uma catolicidade mais plena, não geográfica, mas cultural”.

Aparecida ainda utiliza a forma “evangelizar as culturas” ao lado de “inculturar o evangelho”, e salienta (*DAP*, n. 491) que essa orientação não implica o abandono da opção preferencial pelos pobres.

<sup>9</sup> MENSAJE A LOS PUEBLOS DE AMÉRICA LATINA NUEVA EVANGELIZACIÓN, PROMOCIÓN HUMANA, CULTURA CRISTIANA JESUCRISTO AYER, HOY Y SIEMPRE. Disponível em: [https://www.celam.org/documentos/Documento\\_Conclusivo\\_Santo\\_Domingo.pdf](https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Santo_Domingo.pdf). Acesso: 15 de outubro de 2023.

Neste sentido, lembrava O. Beozzo (1993, p. 820), comentando sobre a Conferência de Santo Domingo, que possivelmente, a contribuição latino-americana ao debate em torno da inculturação consiste no seguinte: “ela é parte integrante do combate pela libertação, outra face da opção preferencial pelos pobres que se enriquecem qualitativamente, pela inclusão da dimensão das culturas, em particular das culturas oprimidas”.<sup>10</sup>

Considerando a relação da teologia com o Magistério, a partir dos documentos das Conferências Gerais dos Bispos na América Latina e Caribe, não se fixando em momentos específico desse período (1968-2007), mas olhando seu conjunto, constata-se que a teologia latino-americana acompanha os passos da evangelização. Apresenta profunda convicção de uma evangelização inculturada. Daí a plausibilidade da tentativa de se propor uma abordagem teológica em chave libertadora como contribuição para a evangelização no território amazônico no espírito e dinâmica dos sonhos para a Amazônia. Seria uma teologia que se insere no ambiente vital das culturas amazônicas.

#### **4. Sonhos para a Amazônia e inculturação do Evangelho e libertação integral**

A *Exortação Apostólica Pós-sinodal Querida Amazônia (QaM)* apresenta quatro sonhos, a partir dos quais propõe linhas para a evangelização inculturada, a saber: Sonho social, Sonho cultural, Sonho ecológico, Sonho eclesial. À luz do paradigma da “ecologia integral”, da carta encíclica *Laudato si’*, e da originalidade sinodal da Igreja, compreende-se que a realização desses sonhos não se dá isolando-se um do outro, pois seus diferentes componentes existem interligados. No entanto, cada um guarda a sua especificidade, sendo todos eles ao mesmo tempo interdependentes entre si. Dentro da delimitação deste artigo, a aborda-se a seguir apenas do Sonho Eclesial, pressupondo sempre a relação indissociável dos quatro sonhos.

##### **4.1 O sonho eclesial**

A preocupação em realizar uma ação pastoral encarnada na realidade amazônica emergiu como resposta à recepção do Vaticano II na conferência de Medellín. No Encontro de Santarém, realizado de 24 a 30 de maio de 1972, os bispos da região da Amazônia legal definiram duas diretrizes para a ação evangelizadora: encarnação na realidade e evangelização libertadora. “Cristo aponta para a Amazônia”, disse o Papa Paulo VI na carta dirigida aos bispos por ocasião dessa reunião, que marcaria, doravante, todas as diretrizes para a evangelização na região. Cinquenta anos depois, no II Encontro de Santarém (2012), cujo tema foi: “Igreja na Amazônia: memória e compromisso”, reafirmou-se o compromisso assumido naquele primeiro evento eclesial amazônico. Na oportunidade, referindo-se às decisões do primeiro encontro de Santarém (CNBB, 2014, p. 244), os bispos da região destacaram a dimensão soteriológico-cristológica dessas orientações: “nessas diretrizes e opções se inscreve uma identificação com a missão salvífica de nosso Senhor Jesus Cristo”. Destacaram, pois, a base cristológica da regulação da evangelização na Amazônia.

O Sínodo para a Amazônia, que adotou a dinâmica de Igreja sinodal e à luz da “ecologia integral”, escutou a experiência eclesial amazônica. *Querida Amazônia* (n. 61) remete-se aos marcos da história da evangelização nesse território integrada ao caminhar da Igreja na América Latina e Caribe, resumindo:

<sup>10</sup> Para continuar compreendendo a posição de P. Suess, ver o texto: SUESS, Paulo, Evangelização e inculturação – conceitos, questionamentos, perspectivas. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. *Inculturação: desafios de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 19-47.

A Igreja é chamada a caminhar com os povos da Amazônia. Na América Latina, esta caminhada teve expressões privilegiadas, como a Conferência dos Bispos em Medellín (1968) e a sua aplicação à Amazônia em Santarém (1972); e, depois, em Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). O caminho continua e o trabalho missionário, se quiser desenvolver uma Igreja com rosto amazônico, precisa de crescer numa cultura do encontro rumo a uma “harmonia pluriforme”. Mas, para tornar possível esta encarnação da Igreja e do Evangelho, deve ressoar incessantemente o grande anúncio missionário.

A missionariedade da Igreja encarnada na Amazônia, à luz da *Exortação Apostólica ‘Evangelii gaudium’* (EG, n. 25-33), implica uma verdadeira conversão dos(as) missionários(as), assim como daqueles(as) que pretendem contribuir com a reflexão teológica para a evangelização no território amazônico junto aos nativos. O método da teologia da latino-americana implica a relação, o contato direto do teólogo e da teóloga com os interlocutores, pessoas, grupos e comunidades, e seu mundo vital. Por isso, a teologia que busca interagir com a evangelização nesse território há de se fazer a partir da inserção dos teólogos no ambiente amazônico, para antes de tudo, conhecer a realidade local, deixando-se ensinar pelos povos originários. Terão que desenvolver um diálogo que conduz ao conhecimento e assimilação dos valores que marcam a vida e são vivenciados no cotidiano das diferentes etnias ali existentes.

A inculturação do evangelho, pressupõe também um processo de inculturação dos(as) missionários(as) teólogos(as) que vêm de outros contextos. Trata-se de inculturação dos sujeitos “externos” da ação evangelizadora na realidade multicultural em um ambiente de pluralidade nas dimensões não só cultural, mas também antropológica, religiosa e espiritual. Desta forma, a participação de possíveis agentes procedentes de outros ambientes na efetivação das diretrizes para a construção de uma Igreja como rosto amazônico, como Igreja em saída (EG, n. 20-24), exige a decidida interação direta com os amazônidas e tudo o que faz parte de sua vida real; será imprescindível o contato e conhecimento teórico e prático, enquanto possível, de sua complexa realidade. Portanto, o que fazer teológico, para se qualificar como inculturado e comprometido com a evangelização inculturada e a libertação integral, requer uma conversão que envolva as dimensões espiritual, intelectual, mas cultural do teólogo e da teóloga, que deverão ter uma abertura epistemológica ampla em atitude de escuta e diálogo.

Uma tentativa de fazer teologia que interaja com a Amazônia a partir de fora correria grande risco de se tornar um discurso ineficaz e contraditório com a proposta de evangelização encarnada e libertadora. Pois tem grande chance de ser uma reflexão desencarnada e, conseqüentemente, não contribuiria na busca da sustentação da liberdade dos povos originários. A conservação de sua liberdade através da defesa de suas culturas constitui a base primeira, para a conquista de outras formas de liberdade, como a preservação de reservas territoriais, para citar um dos muitos elementos de seu invólucro vital, pois todos os aspectos do contexto e da vida das etnias estão interligados. Entrar na dinâmica na complexidade cultural amazônica (QAm, n. 41) será absolutamente fundamental. “Numa realidade cultural como a Amazônia, onde existe uma relação tão estreita do ser humano com a natureza, a vida diária é sempre cósmica. Libertar os outros das suas escravidões implica certamente cuidar do seu meio ambiente e defendê-lo”. O paradigma do cuidado, enraizado cristologicamente (QAm, n. 41) acompanha essa aprendizagem, pois a evangelização deve “ajudar o coração do homem a abrir-se confiadamente àquele Deus que não só criou tudo o que existe, mas também Se nos deu a Si mesmo em Jesus Cristo. O Senhor, que primeiro cuida de nós, ensina-nos a cuidar dos nossos irmãos e irmãs e do ambiente que Ele nos dá de prenda cada dia. Esta é a primeira ecologia que precisamos”. A defesa da liberdade e das culturas, está estreitamente relacionada com o cuidado, para que se promova a inculturação do Evangelho, tem como consequência o fortalecimento de suas identidades étnicas, culturais, tradições e espiritualidades.

## 4.2 Sujeitos da evangelização inculturada e da teologia “amazonizada”

A realização do Sonho eclesial deve ser entendida à luz da sinodalidade, considerando que a metodologia do próprio Sínodo foi a sinodalidade, no qual, conforme Suess (2019, p. 17), Francisco entrelaça três componentes necessários para o caminhar eclesial no século XXI: “a sinodalidade como herança metodológica, a missão como relevância da Igreja no mundo atual e a ecologia integral como responsabilidade para as futuras gerações”. Isso implica que o empenho pela construção do sonho eclesial implica necessariamente os demais sonhos e tem como sujeitos primordiais os próprios amazônidas. Eles são tanto os membros das comunidades eclesiais, como os próprios indígenas com os quais se procura compartilhar os valores de suas tradições e suas culturas. Aqueles(as) que porventura, sendo externos, se sintam chamados a integrar a missão eclesial na Amazônia haverão percorrer um caminho de “iniciação” à vida amazônica, entrando no novo ambiente e vivenciar um processo de real e integral imersão naquelas realidades. Na verdade, as comunidades eclesiais (QAm, n, 78) presentes e atuantes nessa área geográfica é o real sujeito da evangelização, já existem, há décadas, em algumas partes. Pois “em muitos dos grupos presentes naquela região, ‘o sujeito de evangelização, modelado por uma cultura própria, multiforme e mutável, está inicialmente evangelizado’”. Este sujeito “possui ‘certos traços de catolicismo popular que, embora num primeiro tempo talvez tenham sido promovidos por agentes pastorais, atualmente são uma realidade que o povo assumiu e até mudou o seu significado transmitindo-os de geração em geração’”.

A evangelização inculturada requer o empenho de diferentes integrantes desses grupos, sempre visando a fortalecer o exercício da liberdade e do bem-viver dos povos nativos. Nessa direção, P. Suess (1994, p. 84) refere-se à formação da identidade de determinado povo indígena: “A construção da identidade de um povo indígena está ligada a vários fatores: à sua subsistência, à segurança de seu território, ao reconhecimento de suas culturas e de seu projeto histórico”. Na base desses fatores há uma série de valores transcendentais, religiosos e espiritualidades (QAm, n. 73), que não podem ser negligenciados. “Sem dúvida, há que apreciar esta espiritualidade indígena da interconexão e interdependência de todo o criado, espiritualidade de gratuidade que ama a vida como dom, espiritualidade de sacra admiração perante a natureza que nos cumula com tanta vida”. Neste sentido, será imprescindível reconhecer e identificar as teologias de já existentes naquele espaço vital. Trata-se de dialogar com as teologias índias e afro-americanas aí presentes,<sup>11</sup> tanto as consignadas em textos, como também as que entram na formação das cosmovisões dos povos amazônicos, que se transmite pela própria vivência através de rituais e inúmeras práticas do cotidiano.

No entanto, a dinâmica do diálogo indispensável para a elaboração da teologia da missão evangelizadora na Amazônia, não será possível sem a superação da “razão colonial”. Será necessária uma conversão, tendo como a base a metanoia eclesial, incluindo todos os assumem algum papel na evangelização, uma “metamorfose”, passando de um rosto romano a um rosto amazônico e indígena.<sup>12</sup> A construção desse novo rosto, conforme Suess (2019, p. 28) ocorrerá “através da escuta, da descentralização e da inculturação”, que levará a “uma maior presença local e um melhor reconhecimento da alteridade e

<sup>11</sup> Francisco Taborda (1993, p. 278-281) tratando da relação entre “teologia indígena” e “racionalidade ocidental”, explica que a questão de fundo do dilema da teologia cristã é esta: “a problemática da relação entre *mythos* e *logos*”. Caracteriza a teologia indígena, de modo geral, sob três aspectos: 1. uma “teologia concreta” enraizada nos projetos e problemas do povo; 2. uma “teologia integral” que está intrinsecamente ligada à totalidade da vida indígena; 3. Uma teologia que se expressa em “linguagem religiosa, mítico-simbólica”, pois estes expressam de modo pleno e radical o sentido profundo da vida.

<sup>12</sup> Taborda reflete distingue e relaciona os termos indígena e indigenista: TABORDA, Francisco. Revista Eclesiástica Brasileira. n. 210, p. 279-280, 1993.

diversidade em sua organização estrutural, em suas opções ministeriais e celebrações sacramentais”. De fundamental importância para a teologia se inculturar será a convicção de que os indígenas incorporam em suas lutas e projetos de vida a racionalidade da esperança, como Seus (2019, p. 28) salienta: “uma racionalidade evangélica articulada com simplicidade, sobriedade, veracidade e solidariedade”.

Nesta linha de pensamento, compreende-se que todas as teologias elaboradas a partir do mundo dos indígenas e afro-americanos e que resistem à desqualificação e destruição de suas culturas, religiosidade, espiritualidades e os mantêm construindo seus caminhos vitais são teologias libertadoras. Sendo plausível esta tese, os teólogos e as teólogas e outros estudiosos e pesquisadores seriam enriquecidos entrando em diálogo com esses conhecimentos e sabedorias. Desta maneira, poderão encontrar o caminho tornar a teologia latino-americana, como identificada neste texto, uma teologia inculturada na Amazônia, convertendo-se em significativa contribuição para a ação evangelizadora inculturada, como propõe *Querida Amazônia*.

### Considerações em aberto

A teologia será qualificada como libertadora enquanto se desenvolve na dinâmica que caracteriza o próprio processo de evangelização inculturada. “A evangelização, conforme Santos (2020, p. 163), que hoje propomos para a Amazônia é o anúncio inculturado que gera processos de interculturalidade, que promove a vida da Igreja com identidade e rosto amazônicos”. De fato, para o autor (p. 162), “a teologia índia, a teologia do rosto amazônico e a piedade popular já são riquezas do mundo indígena, de sua cultura e espiritualidade”.

Toda ação evangelizadora, como práxis eclesial, implica uma teologia que leva à reflexão de seus fundamentos. Por isso, a evangelização inculturada requer teologia inculturada, que será possível à medida que seja elaborada dentro e partir da esfera da vida dos indígenas e afro-americanos no espírito da inculturação como “encarnação kenótica”. Ou seja, a evangelização e a teologia que a acompanha com vistas à interculturalidade, se desenvolve em um caminho de nova conversão para teólogos/as e missionários/as, exigindo-lhe esforço de novas aprendizagens no quefazer teológico e na prática evangelizadora. O serviço ao Reino de Deus, na Amazônia, será marcado pelo mútuo enriquecimento dos sujeitos – das comunidades eclesiais como sujeitos coletivos – da evangelização e da tarefa teológica, seja para a vida eclesial, seja para o ambiente vital cheio de riquezas e desafios da Amazônia, em meio aos quais a inculturação da mensagem do Evangelho se gesta.<sup>13</sup>

Evangelizadores(as) e teólogos e teólogas(as) haveremos de desempenhar o que nos cabe, respeitando os passos que devem ser seguidos, para dizer com G. Gutiérrez (2004, p. 68): “a teologia não engendra a pastoral, mas, sim, é reflexão sobre ela”. Portanto, para que a teologia seja um pensar a fé cristã do modo inculturado, articulado com a evangelização, no ambiente pan-amazônico, deverá desenvolver-se em sintonia com a atuação eclesial comprometida com a libertação integral, conforme os quatro sonhos para a Amazônia. Evangelização e fazer teológico, que na tradição teológica e eclesial da América Latina e Caribe, se realizam em perspectiva libertadora, são desafiados agora e prosseguir na mesma direção à luz da ecologia integral, da sinodalidade e da missionariedade da Igreja servidora do Reino de Deus. Todos os que se disponibilizarem a participar da tentativa de evangelização inculturada

<sup>13</sup> Nesta linha de pensamento, é muito válida a ideia de P. Suess (1994, p. 32), que ressalta o valor da presença solidária, amável, além de diferenciada e crítica do missionário. Acrescenta ainda que o missionário no seguimento radical de Jesus Cristo encontra a inteireza e identidade: “ao encontrar-se a si mesmo restaurado na transparência e integridade do projeto de Deus que transfigura sua vida”. A mesma coisa se pode aplicar ao teólogo e teóloga que se dispõe a fazer teologia não só tentando manter interlocução com a Igreja na Amazônia, mas sobretudo a fazer teologia a partir de dentro do ambiente amazônico.

na Amazônia (*QAm*, n. 117) teremos muito presente que “a mensagem revelada não se identifica com nenhuma delas e possui um conteúdo transcultural”. Consequentemente, “não é indispensável impor uma forma cultural” ao propor a mensagem do Evangelho, mantendo-nos atentos para não cairmos “na vaidosa sacralização a própria cultura”.

## Referências

AGUILAR, Fernando Sebastián. *Evangelizar*. Madrid: Encuentro, 2010.

BEOZZO, José Oscar. Inculturação, evangelização e libertação em Santo Domingo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 212, p. 801- 823. dez. 1993. Ver também SD n. 248, 243, 244-247, 249, 250, 251.

CALIMAN, Cleto. A Conferência de Aparecida: do contexto à recepção. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (org.). *Compêndio das conferências dos bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2018, p. 105-115.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Ad gentes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 1968,

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia: coletânea*, 2014.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 2, 1968, MEDELLÍN, COLÔMBIA: *conclusões da Conferência de Medellín, 1968: trinta anos depois, Medellín ainda é atual?* 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã: Jesus Cristo ontem, hoje e sempre (Hb 13,8): IV conferência geral do Episcopado Latino-Americano, Santo Domingo, República Dominicana, 12-28 de outubro de 1992.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. São Paulo: Paulus, 2007.

DUSSEL, Enrique. Notas sobre a origem da Teologia da Libertação (1959-1972). In: FORNET-BETANCOURT, Raúl (org.). *A teologia na história social e cultural da América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 1996, p. 261-287.



ENCEUNTRO IBEROAMERICANO DE TEOLOGÍA, 2017. Desafíos de una teología iberoamericana inculturada en tiempos de globalización, interculturalidad y exclusión social: actas del Primer Encuentro Iberoamericano de Teología, 6 a 10 de febrero de 2017. Boston College. Miami: Convivium, 2017.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia: ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. São Paulo: Loyola, 2020.

GUIMARÃES, Edward; SBARDELOTTI, Emerson; BARROS, Marcelo (org.). 50 anos de teologias da libertação: memória, revisão, perspectivas e desafios. São Paulo: Recriar, 2022. v. 2.

MENSAJE A LOS PUEBLOS DE AMÉRICA LATINA NUEVA EVANGELIZACIÓN, PROMOCIÓN HUMANA, CULTURA CRISTIANA JESUCRISTO AYER, HOY Y SIEMPRE. Disponível em: [https://www.celam.org/documentos/Documento\\_Conclusivo\\_Santo\\_Domingo.pdf](https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Santo_Domingo.pdf). Acesso: 15 out. 2023.

PALÁCIO, Carlos. Da 'Humani generis' à 'Fides et ratio' – uma leitura de 50 anos de fundação da Faculdade de Teologia do CES. *Perspectiva Teológica*, v. XXXI, n. 83, p. 11-43, jan./abr. 1999.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación: perspectivas*. Salamanca: Sígueme, 2004.

RAVASI, Gianfranco. Evangelização e “inculturação”. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/571124-evangelizacao-e-inculturacao-artigo-de-gianfranco-ravasi>. Acesso em: 07/07/2023.

SANTOS, Adelson Araújo dos. *Amazônia, um lugar teológico: comentário teológico espiritual do Documento final do Sínodo e da Exortação Apostólica “Querida Amazônia”*. São Paulo: Loyola, 2020.

SUESS, Paulo. Evangelização e inculturação – conceitos, questionamentos, perspectivas. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. *Inculturação: desafios de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 19-47.

SUESS, Paulo. O paradigma da inculturação. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. *Inculturação: desafios de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 79-93.

SUESS, Paulo. A proposta do Papa Francisco para o Sínodo Pan-Amazônico de 2019: sinodalidade, missão, ecologia integral. *Perspectiva Teológica*, v. 51, n. 1, p. 15-30, jan./abr. 2019.

TABORDA, Francisco. Cristianismo e culturas indígenas. Impasses e dilemas de uma prática evangelizadora. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 53, n. 210, p. 259-282, Jun. 1993.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Igreja Reflexo Vs Igreja Fonte. *Cadernos Brasileiros*, n. 46, p. 17-22, mar./abr. 1968.

---

RECEBIDO: 16/10/2023  
APROVADO: 28/02/2024

RECEIVED: 10/16/2023  
APPROVED: 02/28/2024